



Teresa Nóbrega\*

## Pega de caras

É manifesto o desagrado do eleitorado de São Miguel com o desempenho dos deputados que elegeram, que são recorrentemente acusados de não defenderem os interesses da sua ilha no parlamento.

A comparação com a actividade parlamentar dos deputados eleitos pelas outras ilhas, com modelos de trabalho adequados às expectativas geradas pelas especificidades de eleitorados muito pequenos, são a causa do descontentamento.

Depois de eleitos todos são deputados dos Açores, e encontrar soluções para os problemas do seu círculo eleitoral geralmente é procedimento de bastidores, seja nas comissões do parlamento ou nos contactos com os departamentos governamentais.

É assim em qualquer democracia.

Mas esta conduta não se compadece com propostas ou actos públicos lesivos dos legítimos interesses do círculo eleitoral por onde são eleitos, como é o caso da transferência do boi de raça anã do Museu Carlos Machado.

O que está a acontecer com a emblemática peça do Museu de Ponta Delgada, única a nível europeu, nunca se passaria em qualquer outra ilha dos Açores, pois os seus deputados e autarcas reagiriam com firmeza.

No Continente seriam os autarcas a reagir de forma indignada.

Em São Miguel as vozes que se levantam são poucas, com muita gente a colocar em primeiro lugar os seus interesses políticos.

Aqui os autarcas primam pelo silêncio e entre os deputados destaca-se um dos eleitos por São Miguel que reduz o assunto a tricas partidárias.

Este assunto não é político nem partidário, pertence ao domínio dos direitos de uma comunidade.

É preciso recordar que a direcção do Ecomuseu do Corvo requereu a transferência de património do Museu Carlos Machado ao Governo Regional, afrontando a população da cidade de Ponta Delgada, verdadeira proprietária desse património.

A cedência de peças entre museus é uma prática comum quando há interesse de ambas as partes.

O Museu Carlos Machado não foge à regra e tem peças noutros museus dos Açores e do Continente e também no Palácio de Santana.

A diferença é que, com excepção de exposições temporárias, bem limitadas no tempo, os museus só cedem as peças que são do seu interesse ceder.

E há fortes razões para que esta peça não seja cedida.

É uma peça doada ao Museu, no século XIX, por um ilustre cidadão de Ponta Delgada, pertence à colecção fundadora do museu, uma colecção de referência a nível nacional, sendo peças únicas a nível europeu, quicá a nível mundial. E quem tem peças únicas não as partilha, deixavam de ser únicas.

Há também a considerar os riscos de danos irreparáveis durante o seu transporte, que no caso, segundo pareceres técnicos, são elevadíssimos.

A Secretaria Regional da Cultura mantém a sua posição e vai abrir concurso público para o cargo de director do Museu Carlos Machado, mantendo nos cargos todos os outros directores dos museus regionais.

*\*Jornalista*

*A autora escreve segundo a anterior ortografia*



Mário Abrantes

## A nova “Cortina de Ferro”

Com todas as consequências previsíveis, mais as imprevisíveis e não menos perigosas, resultantes da evolução tecnológica, e com base na militarização e na corrida mundial aos armamentos, segue o seu perigoso curso a tentativa da administração norte-americana, secundada pela União Europeia, para recriar a “Cortina de Ferro” (expressão inventada pelos nazis e depois utilizada também por Churchill) que existiu no século passado entre o Ocidente, com os Estados Unidos à cabeça, e a URSS, mais os seus “Satélites”.

Assente na paz pode gerada pela ameaça de um catastrófico ataque nuclear proveniente de qualquer das partes, por via das suas alianças militares, a NATO e o Pacto de Varsóvia, esta “Cortina” tinha, entretanto, uma diferença relevante daquela que está hoje a tomar vida.

Essa diferença consiste tão só em que, depois do desaparecimento da URSS dissolveu-se também uma das alianças, o Pacto de Varsóvia, enquanto a outra, a NATO, em lugar de diminuir de importância estratégica após finir-se o seu principal inimigo, como seria natural, reforçou-se imenso, assumindo um cada vez maior carácter expansionista e ofensivo em todas as frentes e em todo o planeta.

Deste desequilibrado aumento do poder militar do lado dos Estados Unidos e dos seus aliados na NATO (21 países da UE), perante o mundo, resultou toda uma deriva de prepotência e impunidade que dia a dia se vai acentuando.

O uso da força e da confrontação como principal arma de ação política e institucional para fazer proteger os interesses norte-americanos (sobretudo económicos, apesar de camuflados pelos direitos humanos) face a outros interesses não alinhados, oriundos de qualquer país em qualquer canto do planeta, passou amiúde a substituir-se à igualdade e ao respeito mútuo que deveriam privilegiar as relações entre povos e países, de acordo com os princípios do direito internacional e da carta das Nações Unidas.

E o rol é extenso seja em termos de ameaças, bloqueios económicos, intervenções militares diretas ou da imposição de sanções ilegais (ilegais porque, em conformidade com o direito internacional, apenas uma entidade pode impor sanções de forma legítima: o Conselho de Segurança da ONU).

Os focos de tensão e insegurança ampliaram-se: Jugoslávia, Palestina, Iraque, Líbia, Venezuela, Cuba e América Latina em geral, Ucrânia, Síria, Irão, Afeganistão, Bielorrússia e, cada vez com maior fixação, Rússia e China.

Quanto a ações bélicas, aí temos o reforço das bases militares (cerca de 800) em redor do globo e em particular perto das fronteiras com a Rússia, as movimentações marítimas e aéreas junto à China e os atuais exercícios da NATO (de 20 de maio até ao próximo dia 22 de junho), em demonstração alargada de poder, com a participação de milhares de soldados, navios de guerra e aeronaves, simultaneamente no Atlântico, na Europa e no Mar Negro.

Em 2020 chegou-se ao valor da maior despesa militar de que há registo no mundo, sendo que a despesa militar dos EUA (cerca de 750 mil milhões de dólares) foi maior que as da China, Índia, Rússia, Arábia Saudita, França, Alemanha, Reino Unido, Japão, Coreia do Sul e Brasil juntos.

E os reflexos no ambiente?

Apesar de muito ocultados sabe-se por exemplo que a pegada anual de carbono de origem militar equivale hoje às emissões de pelo menos 14 milhões de carros.

Mas muitas instituições do ambiente parecem terem excluído do seu léxico, tal como o fizeram já muitos governos e jornais, as palavras: Desarmamento, Desanuviamento e Paz...